

Editorial

Danilo Bilate

O dossiê “Nietzsche e o Humanismo”, que apresentamos na presente edição dos *Estudos Nietzsche*, foi organizado por mim, a partir de um gentil convite feito por José Nicolao Julião que se mostrou, desde o início, como um desafio. A classificação “humanismo” é reconhecidamente equívoca – e, ademais, seu uso relacionado ao nome “Nietzsche” provoca imediatamente reações de surpresa. A equivocidade do termo se explica. Há aqueles que o associam às teorias filosóficas consideradas otimistas por suporem a existência do livre arbítrio do sujeito racional. Há também aqueles que associam anacronicamente o “humanismo” a uma tradição específica, seja a que teria nascido com Cícero, seja a que, independente da determinação de sua origem, teria se encerrado com as Luzes do século XVIII, seja aquela que estaria limitada ao Renascimento.

Em uma tentativa de elencar pontos pacíficos dentre as diferentes concepções, é possível entender pela classificação “Humanismo” toda filosofia que: 1/ enfoca o humano como centro de interesse investigativo; 2/ se volta ou para um pensamento da imanência (seja por uma recusa explícita de toda transcendência à *physis*, seja reservando às questões metafísicas – no sentido de ciência dos primeiros princípios – um lugar secundário em relação ao foco nas investigações sobre o humano) ou, no caso do humanismo religioso, para um pensamento que prioriza a reflexão sobre a vida humana; 3/ presta atenção ao papel e à importância primordial dos afetos (*pathos, stimulus, motus animi*) na constituição do humano e da prática humana e, por isso, ou privilegia o corpo como campo fisiopsicológico por excelência ou não o ignora, ainda que considere a “alma” como instância, constitutiva do humano, superior; 4/ compreende que o estilo do texto filosófico não se limita necessariamente nem ao dissertativo nem ao ensaio nem à sistematização do pensamento ou qualquer outro.

Apesar de ser possível, portanto, considerar um humanismo religioso – como se sabe, os primeiros *humanitatis Professores* dedicados aos *studia humanitatis* eram membros da Igreja Católica –, a via mais promissora da investigação sobre o humano é a que não se desvia de seu objeto e, não por acaso, podemos falar consensualmente de um humanismo associado às diferentes teorias “materialistas”. Se Nietzsche pode ser classificado como um “humanista”, não há, pois, do que se surpreender.

Como quer que seja, pretendi explorar toda a equívocidade do termo “humanismo” com os textos dos autores convidados a participar deste dossiê. Para além do que pude sucintamente apresentar acima, outras abordagens se faziam possíveis. Assim, em *A forma humana* (La forme humaine), Benoît Berthelier não se preocupa com a classificação “humanismo” para questionar se ela é aplicável ou não ao pensamento de Nietzsche, mas parte diretamente da questão sobre o que é o humano, tentando recolocá-la e abordá-la em seus limites de possibilidade, a partir de Nietzsche, Wittgenstein e Montaigne. O motivo que o leva a unir esses três autores em torno dessa questão é o fato de que todos eles compartilham de um certo ceticismo, no sentido em que mantêm a dúvida sobre a nossa capacidade de reconhecer a humanidade como tal, posto que o que define o humano não pode ser fixado, colocando em xeque a própria tentativa de definição. No caso de Nietzsche, é precisamente essa maleabilidade, instabilidade ou transitoriedade do “humano” que permite o ensino do além-do-homem.

Em seguida, David Simonin, em *As ilusões da natureza humana na filosofia de Nietzsche* (Les illusions de la nature humaine dans la philosophie de Nietzsche), explica detalhadamente as diferentes significações do termo “humanismo”, mostrando que ele só não pode servir para nomear o pensamento de Nietzsche se for entendido como um “humanitarismo”, isto é, com uma postura compassiva diante dos seres humanos. Atento ao fato de que aquela palavra não possui apenas esse sentido – sendo esse, ao contrário, ao menos em filosofia, o mais raro e irrelevante –, Simonin lembra que todo o percurso filosófico nietzschiano é marcado pelo interesse pelo humano e que Nietzsche só seria um “anti-humanista” no sentido específico de um humanitarista. Mas o humanismo nietzschiano se difere radicalmente de outros, por ser individualista, aristocrático e, por isso mesmo, em alguma medida, violento. Essa postura teórica exige dele uma oposição a um outro humanismo, eminentemente cristão ou indiretamente baseado na antropologia cristã, e exige dele igualmente um confronto contra todos os resquícios idealistas que são mantidos sorrateiramente mesmo nos humanismos materialistas. Enfrenta-se assim tanto o homem como *imago dei* quanto o homem como *animal rationale*.

Na sequência, Arnaud Sorosina explora a questão do transumanismo em *O humanismo do último homem* (L’humanisme du dernier homme) em um esforço de reflexão que coloca em embate, de forma sabidamente anacrônica, o transumanismo de nossa época – essa busca, através da aplicação de tecnologias biomédicas, pela assim entendida otimização das potencialidades humanas ao ponto extremo de desejar a imortalidade – contra a sabedoria trágica nietzschiana, seu dionisismo, pelo qual

Nietzsche aceitava amorosamente (*amor fati*) as condições naturais de nossa existência efetiva e efêmera. Nessa feita, Sorosina associa o esforço do transumanismo à figura decadente do “último homem” de Zaratustra, afastando definitivamente dito esforço dessa outra noção zaratustriana, a do além-do-homem.

Além desses textos inéditos, disponibilizados aqui na versão original em francês e em tradução para a nossa língua, publicamos a tradução de dois capítulos importantes, de livros já conhecidos nos estudos nietzschianos, para o tema do humanismo em Nietzsche. Se há indubitavelmente um humanismo que, do Renascimento, se estende para as Luzes, sobretudo as francesas, é em Voltaire que encontramos as marcas de um pensamento sobre o humano muito próximas do que depois dirá a respeito Nietzsche. O texto de Guillaume Métayer, *Da liberdade do espírito*, explora sobretudo a figura do espírito livre e mostra como ela está presente tanto no autor alemão quanto no francês, e como ela é importante para a construção de um modelo de humano a ser cultivado. Já o texto de Christian Emden, *A irredutibilidade da linguagem*, trata de um campo filosófico de extrema importância para a abordagem humanista, que é a retórica. Após apresentar como o jovem Nietzsche, ainda professor de filologia, estudou as teorias retóricas platônica e aristotélica, as fontes que ele usou para compreendê-las, a maneira como delas se apropriou e se distanciou, Emden conclui a esse respeito que Nietzsche concebia a retórica como inseparável da filosofia e isso porque o humano depende da, e se constitui pela, linguagem. Enfim, segundo o autor, Nietzsche sempre tentou “trazer a retórica de volta para o reino do pensamento filosófico”.

Encerrando o dossiê, disponibilizamos duas resenhas de livros que, cada um à sua maneira, tocam no nosso tema. A primeira delas nos apresenta o livro *Homo Natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*, de Vanessa Lemm, resenha escrita por Davi Maranhão De Conti. A segunda nos apresenta o livro *Nietzsche, “o bom europeu”. A recepção na Alemanha, na França e na Itália*, de Scarlett Marton, escrita por José Nicolao Julião. Finalizando esta edição, na seção *Varia*, disponibilizamos o texto *Arte e conceito no jovem Nietzsche* de Thiago Kistenmacher Vieira que, como o próprio título promete, trata da abordagem que o filósofo faz da noção de “conceito”, sobretudo em sua relação com a arte, mas levando em consideração o problema inevitável da linguagem.